

POÉTICAS DO ESTRANGEIRO

Nessa terceira edição da Revista AO LARGO e firmes na proposta de criar um espaço para reflexões entre arte, filosofia e educação, apresentamos artigos que se debruçam sobre o tema, *Poéticas do estrangeiro*, ou seja, poéticas não assimiláveis a classificações conhecidas, cuja singularidade assume esse não pertencimento como constituinte. Seja no teatro, na poesia, na literatura ou na filosofia, os artigos aqui apresentados buscam um aprofundamento da reflexão dessa zona de fronteira entre o dentro e o fora, a presença e a ausência, o lugar e o não-lugar, o que se diz e o que se cala. Os pensadores, artistas e escritores aqui lembrados pelos articulistas, além de traçar um percurso original, são artistas forjados pelos próprios passos à medida que avançaram em seus caminhos.

É com alegria que inauguramos a seção Resenha com o texto “Tal subjetividade: qual escola?” da professora Madalena Vaz Pinto que nos apresenta uma leitura minuciosa do livro *Redes ou paredes – a escola em tempos de dispersão* de Paula Sibilia. Madalena Vaz Pinto aprofunda e ilumina uma questão que se impõe no século XXI: “será que a escola se tornou obsoleta?” Como repensar a escola em tempos de estímulos excessivos, baixa concentração e *percepção sem consciência*? Segundo Madalena, “o mal estar contemporâneo, portanto, não decorre do aprisionamento e controle disciplinar, mas sim de uma sensação de dispersão e saturação causadas por um fluxo ininterrupto de informação.”

O título desse prefácio – *poéticas do estrangeiro* – foi tomado emprestado do segundo artigo dessa edição, de autoria do poeta Caio Meira sobre o poeta Edmond Jabès. A condição de estrangeiro constitui o cerne da sua obra, da qual Caio Meira privilegia a questão do lugar e a questão do diálogo. Nas palavras de Caio, “Não se trata, é claro, de descartar, negar ou anular a presença de nenhum desses estrangeiros — o exilado, o nômade, o judeu, o egípcio etc. — mas de privilegiar a posição estrangeira fundadora de uma poética, posição que se desdobra num intenso jogo de presença e ausência no texto jebesiano.” O estado de questionamento da escrita jebesiana seria um

estado de ruptura, de suspensão e de abertura que mantém a força de uma escrita singularíssima.

O artigo de Cecília Wellisch apresenta a dramaturgia de José Sanchis Sinisterra sob uma perspectiva na qual o espaço criado entre leitor e ouvinte recria outras narrativas para além da que está sendo contada: a obra *O leitor de Aluguel*. Outras vozes ecoam nos relatos e mais uma vez há um jogo entre presença e ausência, inclusive no diálogo que Cecília Wellisch propõe com o leitor. A sobreposição de ficção e realidade, ou melhor, de ficção e ficção, instaura uma zona de estranhamento que mantém o leitor / espectador em suspenso dentro da cena. “Sinisterra a meu ver projeta para **O leitor de aluguel** um jogo de espelhos. Todos os actantes implicados no jogo refletem imagens e se veem refletidos. Todas as projeções são ilusões, distorções, invenções recorrentes da impossibilidade de captar de maneira fixa tudo o que se apresenta a nós como alteridade.”

A publicação póstuma nessa edição de AO LARGO do artigo da querida amiga e professora Claudia Castro traduz talvez de forma mais consistente o tornar presente aquilo que está ausente. “[...] sempre o duplo movimento da aproximação de um objeto que se furta.” A partir das leituras de Walter Benjamin e de Samuel Beckett sobre a obra central de Proust *Em busca do tempo perdido*, Claudia Castro ressalta a importância do sentido do olfato para a memória na *Recherche*. Todo o artigo propõe um contraponto entre a memória voluntária, que seria a da consciência, e a memória involuntária, aquela que irrompe de um cheiro de infância retido em algum canto improvável do sujeito e que só pode ser acessada pelo acaso, por algum objeto externo que arrebate o sujeito e o permita vivenciar o instante em que passado e presente se recobrem. Como ressalta Claudia, “Não é o mesmo que volta, a mesma percepção que um dia foi vivida pelo sujeito. O que a recordação traz à tona é algo de novo que, no entanto, já estava contido na memória.”

A escritora Lilian Fontes, no artigo que encerra essa edição, propõe uma leitura do *Ulysses* de Joyce entrelaçando ficção e psicanálise e ressaltando a importância do fluxo de consciência (*stream of consciousness*) no romance,

aproximando-o dos métodos psicanalíticos. A influência de Freud e do inconsciente, torna-se incontornável a partir do século XX e qualquer reflexão crítica da sociedade e da cultura estão necessariamente permeadas pela insólita descoberta de sermos estrangeiros a nós mesmos ou nas palavras de Freud de “não sermos donos da nossa própria casa.” *Ulysses* de Joyce explode a linguagem de forma inusitada até aquele momento e marca, mais que o início de uma nova era na ficção, um farol para sempre aceso que permite a sobreposição de várias vozes, assim como a coexistência de vários mundos. “A obra literária consegue tecer uma visão pluralista e multifacetada do mundo que a torna portadora imediata de expressão de cultura de uma época. Daí a necessidade de todos os campos que pretendem estudar a essência do comportamento humano, e nisso inclui-se a psicanálise, se debruçarem na produção literária.”

Na seção Poesia, AO LARGO publica uma colaboração especial, a imagem designada *De Fora*, do consagrado fotógrafo Murillo Meirelles, que desenvolve trabalhos de cunho profundamente pessoal com o mesmo apuro estético com que realiza campanhas de moda para diversas marcas assim como retratos, dentro e fora do país. Murillo Meirelles colabora também com várias revistas no Brasil e no exterior. A imagem parece sintetizar e traduzir, num único clique, todas as palavras ditas até aqui sobre nosso tema – *Poéticas do estrangeiro*.